

# Análise da presença dos conceitos de jornalismo e de alternativo no site Carta Maior

Nivea Canalli Bona<sup>1</sup>

## Resumo

O trabalho apresenta o caminho desenvolvido a partir do viés dos procedimentos metodológicos assumidos pelo grupo de pesquisa Jornalismo Alternativo na Era Digital trazendo os resultados das análises produzidas do site Carta Maior. Por meio do mapeamento exploratório, análise documental, análise de conteúdo e entrevista semi-aberta tentou-se estabelecer se a publicação poderia ser considerada Jornalismo Alternativo frente aos conceitos de Jornalismo e de Alternativo trazidos por Alsina, Traquina e Oliveira. A partir do estudo é possível apontar que Carta Maior tem em seu conteúdo e formato tendências de comunicação alternativa, mas os procedimentos que definem a atividade jornalística estão ausentes da publicação.

Palavra-chave: Carta Maior. Jornalismo Alternativo. Análise de Conteúdo.

## Abstract

The article presents the methodological procedures followed by the research group Alternative Journalism in the Digital Age bringing the results of the analysis made of the website Carta Maior. We used the exploratory mapping, documentary analysis, content analysis, and semi-open interview to try to establish if the publication could be considered Alternative Journalism based on the concepts of Journalism and Alternative developed by Alsina, Traquina and Oliveira. From this study, it is possible to point out that Carta Maior has the alternative communication present on the content and shape, but the procedures that define journalism activity are not shown at the publishing.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1997), mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS. Email: bonanivea@gmail.com.

Keywords: Carta Maior. Alternative Journalism. Contend Analysis.

## Introdução

Esse trabalho traz os resultados de um estudo dos sites de Jornalismo Alternativo Brasileiros que existem na internet e que incluiu o site da Carta Maior como um dos que poderiam ser classificados como Jornalismo Alternativo. Essa classificação foi feita numa revisitação do conceito a fim de atualizá-lo em relação ao proposto nos anos 1970 e, mesmo anteriormente a essa data, no contexto brasileiro. Para cumprir com o problema de pesquisa definido, que é identificar se o site Carta Maior pode ser considerado Jornalismo Alternativo no meio Internet, a análise valeu-se de estudo bibliográfico, mapeamento exploratório, análise documental, análise de conteúdo e, por fim, uma entrevista com o, então, editor da publicação, Raul<sup>2</sup>. Como em qualquer investigação da área de humanidades e da comunicação, o estudo deve ser lido dentro de uma janela temporal que foi o ano de 2016, dentro de um contexto sócio-econômico político de turbulência para o país e a partir das proposições teóricas aqui demonstradas.

54

## Uma pesquisa coletiva

O projeto de pesquisa Jornalismo Alternativo na Era Digital foi criado em 2015 no curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional – Uninter, em Curitiba, Paraná, e está em sua terceira etapa. O gruporeúne três doutores, dois mestres, dois graduados em jornalismo, duas bolsistas de graduação e graduandos interessados. A ideia principal do grupo e do projeto mantém-se, desde então, em aprofundar o conhecimento das iniciativas de jornalismo alternativo atuais dentro da ambiência digital.

Em 2015, iniciaram-se duas linhas de trabalho paralelo com a equipe. O estudo teórico e a revisitação de conceitos de Jornalismo Alternativo desenvolvidos por autores

---

<sup>2</sup> Mesmo tendo sido autorizado o uso do nome verdadeiro durante a entrevista escolhemos usar um pseudônimo na análise, em uma primeira razão porque identificar a pessoa não vem ao caso. Para essa pesquisa, o cargo assumido e o que ele significa e carrega simbólica e concretamente em relação à publicação importa mais do que o indivíduo/sujeito em si. Num segundo momento a razão é de proteção do entrevistado não dando margem a julgamentos ideológicos por parte dos leitores.

consagrados no estudo do jornalismo e da comunicação popular, alternativa e comunitária. A intenção era tensionar esses conceitos a fim de entender se se aplicam em tempos de modelo de governo democrático, de Internet como mídia e voz pra determinados grupos sociais e de questionamentos profundos em relação à atividade jornalística.

Ao mesmo tempo, o grupo começou a fazer o mapeamento dos Sites Aparentemente Jornalísticos com Potencial para Alternativos (SAJPA). Para iniciar o mapeamento, a busca se deu pelo conhecimento dos próprios pesquisadores e comunidade do entorno, principalmente os envolvidos em movimentos sociais e organizações não governamentais. Num segundo momento, usou-se o buscador de Internet Google, utilizando-se as expressões “mídia alternativa”, “jornalismo alternativo”, “jornalismo independente”, “mídia independente” e sites que traziam listas de sites sobre jornalismo. Uma percepção dessa etapa foi notar que, em geral, os próprios SAJPA traziam links, citações ou banners de parceiros que propunham algo similar. Estes foram sendo adicionados ao mapeamento. Esse procedimento coletou em torno de 56 sites e continua em processo de adição de novos sites.

Nesse mesmo mapeamento os integrantes do grupo fizeram uma análise exploratória que deu lugar a uma pré-seleção baseada nos conceitos estudados pelo grupo. Entre os critérios de seleção estavam: abrangência nacional; aparência de website/portal (excluíram-se blogs e redes sociais); periodicidade regular de postagem com conteúdo aparentemente informativo; os ainda ativos mesmo ao final dessa etapa de pesquisa; os que abordavam temáticas, de alguma forma, alternativas à mídia convencional; tinham certa independência financeira (sem anúncios publicitários); seu fim era informativo/jornalístico e possuíam a aparência jornalística, isto é, que traziam sinais de processos profissionais por trás da produção da informação.

Nessa pré-seleção, então, foram excluídos os sites que possuem conteúdos claramente ativistas, como os de sindicatos, movimentos sociais, ONGs ou partidos políticos. Outras exclusões foram de sites em que o jornalismo não é atividade-fim, ou os que procuram o lucro. Desconsideraram-se também páginas meramente analíticas ou aparentemente amadoras, como blogs, por exemplo. (CARVALHO et al., 2015)

A cada etapa de pesquisa esse mapeamento é realizado com novos sites e portais encontrados. O site Carta Maior foi pré-selecionado nessa primeira etapa como um

SAJPA, junto com outros 33 sites. Neste trabalho apresentamos os resultados da análise realizada no site Carta Maior.

### **Jornalismo Alternativo: há um conceito atual?**

O conceito de alternativo na comunicação (comunicação alternativa, mídia alternativa e jornalismo alternativo) (ATTON, 2002; RODRIGUEZ, 2006) sempre teve uma fina linha ligando-o, principalmente pela percepção da prática comunicacional, informacional ou jornalística, à comunicação popular, comunitária (PERUZZO, 2008), ou radical (DOWNING, 2002). É raro encontrar autores que consigam estabelecer claras fronteiras entre os fazeres comunicacionais alternativos, populares e comunitários. Para alguns, o comunitário precisa prever a participação efetiva de uma comunidade que se utiliza dessa informação e ao mesmo tempo a produz, como estabelece Peruzzo (2008). Já Downing estabelece atividades teatrais, de TV de rua, ou ainda expressões artísticas como uma forma de comunicação (que inclui formatos jornalísticos), como uma comunicação radical, de raiz, que estaria vindo da base do povo, popular. Como no inglês o significado de “popular” está mais para “algo muito conhecido”, utiliza-se o “radical”. Essa nomenclatura guarda ligação com os movimentos *grass-roots*, o que ao pé da letra significa “raízes da grama”. De fato, o radical de Downing busca exatamente esse sentido: de origem, de base.

Na tentativa de nos aproximar do que seria um conceito de Jornalismo e, ainda, de Alternativo nos dias atuais, o desafio está num primeiro momento em se estabelecer o que seria a atividade jornalística. Em tempos de reconfiguração da profissão e da atividade, essa pode ser uma missão espinhosa. O intuito aqui é deixar de lado as definições mais romantizadas da atividade, como a de Clóvis Rossi - “jornalismo é uma batalha pelos corações e mentes dos seus leitores, telespectadores e ouvintes” (1980), ou ainda as que se referem à reportagem ou ao fazer diário de um jornal impresso. Em tempos nos quais a Internet é tratada como o “veículo” de todo mundo, a atividade jornalística precisa ser apontada pelo seu diferencial: a busca pela verdade. Nessa linha, Miquel Alsina foi quem ajudou a estabelecer um conceito mais credível da atividade nos dias atuais e que diferencia o Jornalismo das publicações em redes sociais ou das informações lançadas soltas na rede. Para Alsina (2009, p.14.), a notícia, que é o produto da atividade jornalística, precisa necessariamente ancorar-se em um procedimento de

produção. Para ele a notícia é “a representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Assim o produto jornalístico, para ser definido como tal, deve obedecer a um processo de produção *institucional*, que pode ser traduzido como rotinas produtivas (seleção de fatos, planejamento da pauta, apuração, checagem, preparação, redação/edição e publicação). Traquina (2008) complementa Alsina quando explica o Jornalismo como uma prática que relata uma realidade muito específica que é construída por meio de processos de interação social entre *profissionais* do campo jornalístico. Traquina traz ainda a noção de comunidade profissional (a tribo) que tem seus códigos e seus procedimentos próprios do fazer: “as notícias refletem o *ethos* especializado da comunidade jornalística e são modeladas pelas suas estruturas e processos (...)” (Traquina, 2008, p.23). Ou ainda, na voz de Certeau (2013), seriam as estratégias (processos profissionalizados) e táticas (processos de sobrevivência) dependendo de que posição esse produtor da notícia ocupa na sociedade (jornalista da redação de veículo de massa ou comunicador popular). Entende-se, então, que seria jornalismo a atividade que exige determinado procedimento para se construir a notícia, procedimento esse, que está estabelecido dentro da comunidade jornalística, isto é, dos jornalistas.

Já o conceito de Alternativo foi reconstruído claramente nos anos em que o país estava amargando a ditadura militar. O contexto latino-americano estabelecia-se dialético, contraposto. O alternativo era o contrário, o outro lado, como conta Kucinski (2001, p.6): “A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade”

Na década de 1980, Grinberg (1987, p. 19), entendia que uma possibilidade comunicativa (nem sempre jornalismo) alternativa desafiava um sistema que mantinha uma estrutura unidirecional dos meios, inclusive o regime de propriedade e controle desses mesmos meios. É possível acreditar que o alternativo (comunicação, mídia, jornalismo) nasceu para contrapor essa dominação comunicacional. Peruzzo (2008) complementa, apontando que a imprensa alternativa incluía

Além de jornais com características de periódicos de circulação diária e os boletins populares, outros segmentos como o da imprensa popular ligados aos movimentos populares. (...) Então, o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem. Mas, como já ressaltado, também os pequenos jornais, boletins informativos e

outras formas de comunicação (como panfletos, alto-falantes, carro de som, literatura de cordel, slides etc. – do circuito dos movimentos populares) eram chamados alternativos pela força do sentido do seu conteúdo, porém, sem dispensar a leitura de jornais convencionais. Em suma, há uma comunicação alternativa no âmbito dos movimentos populares que extrapola jornais e o jornalismo. (PERUZZO, 2008).

Com a abertura para um governo democrático, essas posições que estavam definidas no imaginário social - grande imprensa/poderosos, movimentos sociais e grupos organizados/ destituídos de poder – acabaram por se mesclar mostrando, muitas vezes, relações de cooptação ou ainda de estropolamento do lugar de fala que estava determinado no contexto anterior. Kucinski, tentando explicar o desaparecimento de jornais alternativos depois da abertura democrática, aponta que “esses jornais faziam parte da lógica da ditadura. Sua única razão de existir era a Resistência. Não tinham porque sobreviver ao regime militar”. Para ele a grande imprensa apropriou-se de temas que eram, até então, exclusivos da imprensa alternativa ainda recontratando alguns dos seus jornalistas. (KUCINSKI, 2001, p.12)

Vê-se, então, que o conceito de alternativo possui grande intimidade com o contexto que o rodeia e é quase possível hoje apontar a inexistência do Alternativo nesses moldes. Mas há quem faça o esforço para entender e perceber certas características que mostrem o que seria o Alternativo em tempos de sociedade midiaticizada e que tem a grande rede como espaço para atores sociais propagarem suas vozes. Nesse âmbito, a proposição de Denis de Oliveira encaixa-se nesse contexto mais atualizado:

A práxis jornalística alternativa tem como perspectiva a reconstrução da esfera pública a partir dos valores da igualdade de oportunidades, da equidade, da democracia radical e da subordinação dos interesses econômico-privados aos interesses coletivos.(...) que passa pela abertura dos espaços midiáticos a todos os segmentos sociais, rompendo com o cerco da agenda de fontes oficiais; pela plena referência na produção das informações no sujeito-cidadão e não no sujeito-consumidor. (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

É a partir deste lugar conceitual de Jornalismo Alternativo que as análises dos SAJPA foram feitas, incluindo o site Carta Maior.

### **A Carta Maior na Internet**

Carta Maior<sup>3</sup> nasceu no impulso da primeira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, janeiro de 2001, que reuniu diversos Movimentos Sociais, ONG's e ativistas do mundo todo, envolvidos em diversas causas. O evento era um contraponto ao de Davos, chamado de Fórum Econômico Mundial, que reunia as oito maiores potências econômicas e que deteve, durante muito tempo a representação desse sistema capitalista excludente. O Fórum Social Mundial tinha como mote a expressão “Um outro mundo é possível”. Dentro desse escopo, muitos ativistas ligados à área da comunicação propuseram a adaptação: “uma outra comunicação é possível”. As demandas apontavam a democratização dos meios de comunicação, o financiamento público de meios comunitários e a regulamentação de rádios e TVs comunitárias, entre outros. Foi nesse contexto que Carta Maior foi criada. A publicação, junto com outras que, de alguma forma tentavam se estabelecer, representava essas “outras” vozes que poderiam agora finalmente ser ouvidas graças à grande rede. Carta Maior se define como uma publicação eletrônica multimídia, “referência obrigatória em cobertura e análise jornalística crítica de fatos e movimentos ignorados ou distorcidos pela chamada grande mídia”<sup>4</sup>. Segundo estabelecido no menu *Quem Somos* o compromisso do veículo é: “contribuir para desenvolver um sistema de mídia democrática no Brasil e, de modo mais amplo, trabalhar pela democratização do Estado brasileiro, pelo fortalecimento da integração sul-americana e de todos os movimentos que lutam pela construção de uma globalização solidária”.

A publicação possui como segundo nome a expressão *O Portal de Esquerda*, posicionando claramente seu lugar ideológico. Há colunistas e colaboradores. São mais de 40 colunistas, duas repórteres, correspondentes em Berlim, Paris e Londres, um chargista, um assistente de direção e o editor-chefe que é também o diretor-presidente. Na listagem do site não aparecem os nomes da equipe administrativa composta pelo “editor-em-ação”, que trabalha em regime de *home-office*, e o restante da equipe que efetivamente faz o site funcionar: 10 pessoas, entre ele e mais um editor, três técnicos, três administrativos, dois tradutores<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> <http://www.cartamaior.com.br>

<sup>4</sup> Apresentação do site.

<sup>5</sup> Entrevista realizada por meio do software skype, no dia 20 de julho de 2016.

As formas de financiamento não estão explícitas no site mas é possível aferir que a publicação recebia algum tipo de ajuda dos governos progressistas no Brasil, já que após o *impeachment* de Dilma Roussef a publicação passou a buscar doadores e assinantes mais assertivamente. Atualmente há um banner para ser doador, com contrapartidas fornecidas para as contribuições como conteúdos exclusivos e dossiês organizados pela equipe.

Carta Maior forma, ainda, parcerias com outros sites que possuem o mesmo viés de trabalho em outros países da América Latina, como Página/12 (Argentina), La Jornada (México) e El Telégrafo (Equador).

O site possui endereço próprio com um cabeçalho e 17 menus: Política, Diretos Humanos, Editoriais, Economia, Movimentos Sociais, Primeiros Passos, Cidades, Fóruns, Internacionais, Especiais, Meio Ambiente, Mídia, Cultura, Princípios Fundamentais, Cultura, Educação, Quem Somos e Expediente. Além disso, há links diretos para o canal do Youtube, Facebook, Google + e Twitter. O canal do Youtube possui em torno de 200 vídeos que trazem entrevistas com intelectuais ou líderes políticos e sociais. São pouco mais de quatro mil pessoas inscritas no canal.

No site, há um banner que leva para a campanha de doação na testada do site e não há anúncio publicitário. Somente na página *Quem Somos* que há um rol de logomarcas dos parceiros da publicação.

A acessibilidade para leitura do site é boa, não há seções restritas, e a oferta de textos passa pelo crivo da editoria. Segundo Raul, recebem-se muitos textos de contribuição, mas eles já possuem muito material sendo enviado pelos colunistas fixos.

Percebe-se que Carta Maior tem ainda o objetivo de preparar materiais informativos, como livros e catálogos sistematizando determinada temática, além de promover debates e palestras abertas ao público, como as jornadas de estudo.

O Facebook da publicação possui quase 300 mil curtidas e as postagens chamam para a leitura dos textos do site. A interação, numa observação exploratória, acontece por pares, contribuindo com os conteúdos ou comentando com o objetivo de adicionar informações à análise apresentada.

### **Análise de conteúdo em 2016**

Apresentados o contexto em que essa investigação acontece, os conceitos teóricos que regem a reflexão epistemológica e, por fim, a descrição do objeto desse estudo, é momento de explicar como foi a segunda etapa de investigação no site Carta Maior (depois do mapeamento). Essa fase da pesquisa foi realizada no ano de 2016 e teve como objetivo aprofundar o conhecimento do que era produzido em oito sites selecionados a partir do primeiro mapeamento feito pelo grupo e identificar por meio de análise de conteúdo, observação in loco e entrevistas como se dava a produção desse material em cada site, incluindo a Carta Maior.

A análise de conteúdo foi realizada pelo grupo, concomitante, todos os dias, entre 13 de junho de 2016 e 13 de julho de 2016, em turnos sequentes (um dia pela manhã, outro pela tarde, outro pela noite) em oito sites pré-selecionados. A intenção em se fazer a coleta simultaneamente entre todos os sites, com o mesmo protocolo de análise partilhado do *Google Drive*, era obter informações que pudessem ser utilizadas para fins comparativos após o fim da coleta.

Cada um dos pesquisadores integrantes do projeto ficou responsável pelo monitoramento de um dos sites: Agência Pública, Mídia Ninja, Carta Maior, Brasil de Fato, Jornalistas Livres, Repórter Brasil, Vice e Caros Amigos.

Antes do início da coleta, realizaram-se reuniões de orientação com os pesquisadores para debater os procedimentos metodológicos e definir as diretrizes do trabalho. Cada investigador acessou o site pelo qual ficou responsável por 30 dias consecutivos. O acesso a Carta Maior foi realizado nesses moldes.

Para cada dia foi analisada um texto, disposto em destaque na *home*, observando aspectos divididos entre: propriedades informativas, recursos textuais, recursos visuais e recursos em áudio. No caso de conteúdo repetido em relação ao dia anterior, o pesquisador precisava se ater ao destaque secundário ou equivalente, privilegiando a atualidade do texto. A terceira opção, caso houvesse repetição, seria a lista de últimas notícias ou abas disponíveis na *home*. Por fim, se todos os textos se mantivessem os mesmos no próximo turno de coleta, o pesquisador deveria repetir os dados do dia anterior. Essa última situação não ocorreu no site da Carta Maior. O site dispunha de uma atualização constante e ainda a opção por, no mínimo, três destaques na página principal. Assim a AC da Carta Maior não teve repetições de dados. Em alguns dias, pelo texto do destaque principal se manter o mesmo, houve a escolha de se analisar alguns dos textos da linha secundária, a qual mostrava sempre três opções.

O protocolo da AC, que foi preenchido por cada pesquisador trazia em cada um dos grandes blocos critérios mais específicos que deveriam ser analisados. Alguns possuíam respostas controladas como a verificação do *lead*, na qual deveria sinalizar somente se havia ou não, não cabendo outro tipo de resposta. Essas respostas pré-estabelecidas visavam a comparação entre os sites após a AC.

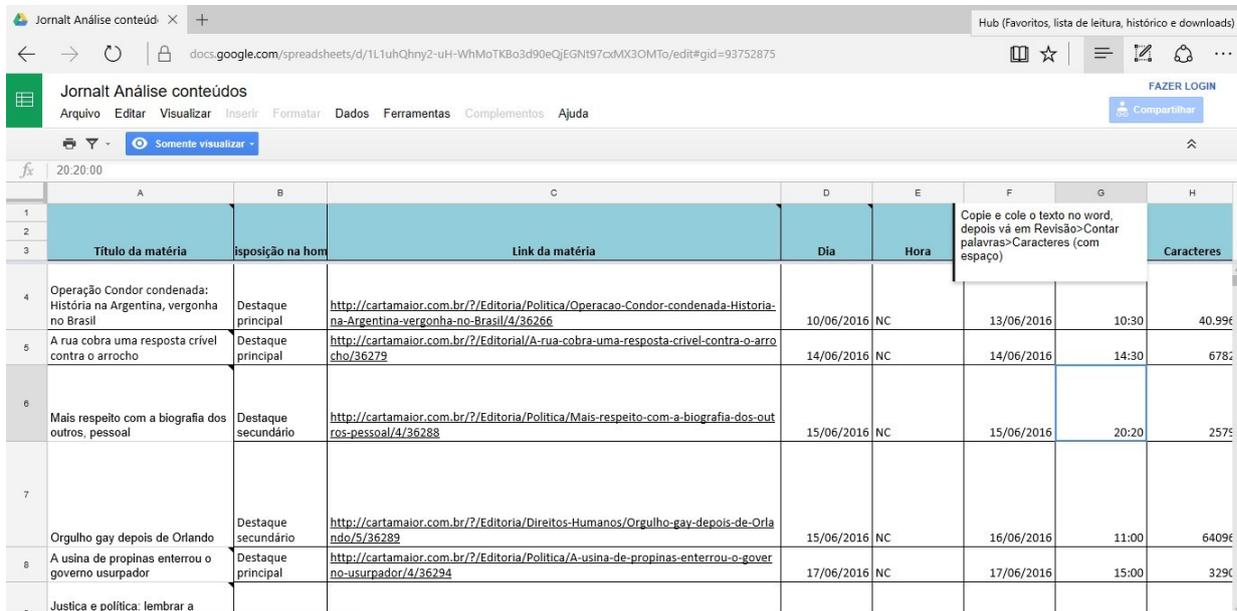
Dessa forma o protocolo usado para a AC do site da Carta Maior foi construído a partir de quatro grandes blocos que se subdividiam em critérios. Alguns desses critérios permitiam o preenchimento qualitativo, outros ofertavam algumas pré-opções e havia ainda outros critérios que eram numéricos, como o número de tipos de fontes consultadas. Os critérios foram assim subdivididos:

Informações gerais: título da matéria, disposição na home, link da matéria, dia (da publicação), hora (da publicação), dia da visualização pelo pesquisador, hora em que o pesquisador fez a coleta, quantidade de caracteres do texto, editoria, temática (pré-escolhidas), gênero jornalístico (pré-escolhidas), estilo textual (pré-escolhidas), fontes oficiais (número), fontes oficiosas (número), fontes testemunhais (número), fontes especializadas (número), dados primários do texto e, por fim, dados secundários do texto.

Recursos textuais: Existência de lead, intertítulos, negritos, links internos, links externos, *tags*, gravata, posts relacionados, espaço para comentários, proposição de ação, origem e autoria do conteúdo.

Recursos visuais: Existência de fotos, vídeos, plataforma para vídeo, uso de infográficos, *prints* e ilustrações, além de origem e autoria dos conteúdos.

Recursos em áudio: Existência de conteúdo exclusivo em áudio, plataforma para áudio, origem e autoria.



	A	B	C	D	E	F	G	H
	Título da matéria	isposição na hom	Link da matéria	Dia	Hora	Copie e cole o texto no word, depois vá em Revisão>Contar palavras>Caracteres (com espaço)		Caracteres
4	Operação Condor condenada: História na Argentina, vergonha no Brasil	Destaque principal	<a href="http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/Operacao-Condor-condenada-Historia-Argentina-vergonha-no-Brasil/4/36286">http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/Operacao-Condor-condenada-Historia-Argentina-vergonha-no-Brasil/4/36286</a>	10/06/2016	NC	13/06/2016	10:30	40.59€
5	A rua cobra uma resposta crível contra o arrocho	Destaque principal	<a href="http://cartamaior.com.br/?Editorial/A-rua-cobra-uma-resposta-crivel-contra-o-arrocho/36279">http://cartamaior.com.br/?Editorial/A-rua-cobra-uma-resposta-crivel-contra-o-arrocho/36279</a>	14/06/2016	NC	14/06/2016	14:30	6782
6	Mais respeito com a biografia dos outros, pessoal	Destaque secundário	<a href="http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/Mais-respeito-com-a-biografia-dos-outros-pessoal/4/36288">http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/Mais-respeito-com-a-biografia-dos-outros-pessoal/4/36288</a>	15/06/2016	NC	15/06/2016	20:20	2575
7	Orgulho gay depois de Orlando	Destaque secundário	<a href="http://cartamaior.com.br/?Editorial/Direitos-Humanos/Orgulho-gay-depois-de-Orlando/5/36289">http://cartamaior.com.br/?Editorial/Direitos-Humanos/Orgulho-gay-depois-de-Orlando/5/36289</a>	15/06/2016	NC	16/06/2016	11:00	6409€
8	A usina de propinas enterrou o governo usurpador	Destaque principal	<a href="http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/A-usina-de-propinas-enterrou-o-governo-usurpador/4/36294">http://cartamaior.com.br/?Editorial/Politica/A-usina-de-propinas-enterrou-o-governo-usurpador/4/36294</a>	17/06/2016	NC	17/06/2016	15:00	329€
9	Justiça e política: lembrar a							

Fig.1: protocolo de análise do site Carta Maior, informações gerais.

O grupo viu como importante para alguns sites estabelecer os horários exatos da publicação dos textos, o que dava sinais de publicação programada ou ainda de frequência de produção. No caso da Carta Maior os horários de publicação não eram mostrados e, em vista do estilo dos textos publicados, que podem ser considerados como não factuais, a diferença entre horas ou mesmo um dia todo não alterava a análise. Além de preencher os blocos do protocolo, a análise abria possibilidade para se fazerem observações pontuais nos campos de comentários da planilha, o que serviu como um diário de campo.

Esse preenchimento também foi monitorado diariamente pelo coordenador do grupo e revisões eram feitas a cada final de semana para garantir que houvesse rigor no trabalho coletivo. Além disso, abriu-se um grupo no Facebook a fim de que os integrantes pudessem diariamente tirar dúvidas com os colegas e determinar, coletivamente, algum procedimento não previsto anteriormente. Em suma, a coleta dos dados para AC foi feita coletivamente e simultaneamente nos oito sites. Os resultados da AC da Carta Maior fazem parte desse contexto.

Depois desses dados coletados, cada pesquisador entrou em contato com os veículos dos quais fez a análise de conteúdo para pedir permissão para fazer observação dos procedimentos de produção *in loco* e fazer uma entrevista semi-estruturada com o

editor responsável pelo veículo. Essa fase da pesquisa contou com respostas variadas. Houve pesquisador que passou dois dias observando processos de produção em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, houve quem não teve permissão para observar e somente realizou entrevista, houve quem fez entrevista e não fez a observação pelo veículo não possuir uma redação centralizada, e houve quem não conseguiu a aplicação nem de uma ou outra metodologia para buscar mais dados. Dessa forma, os resultados foram tratados de maneira diferenciada. No caso da Carta Maior não houve a observação *in loco*, já que não há uma redação que centralize os produtores de conteúdo, colunistas, articulistas. O editor trabalha em regime de *home-office* e a equipe produz remotamente e envia o material para o editor tratar e publicar. A entrevista semi-aberta foi feita pelo Skype, no dia 20 de julho de 2016 com o editor-em-ação da publicação, Raul.

### A análise de Conteúdo na Carta Maior: resultados

Na leitura mais quantitativa dos dados recolhidos na AC da Carta Maior encontramos alguns sinais dos procedimentos de produção, a partir dos textos publicados.

Há que se inferir que a alta quantidade de colaboradores e colunistas ajuda a página a ter uma atualização constante. Isso não significa que temos um procedimento jornalístico por trás dessa produção, mas que as colaborações enviadas são em grande número. Dos textos selecionados para a análise nos 30 dias, 18 eram do destaque principal, 11 do destaque secundário (caso em que o principal se mantinha o mesmo em datas diferentes) e um foi feito sobre a aba de últimas notícias, o que nos dá a informação de que, em 30 dias, somente em um dia, os textos do destaque e secundários se mantiveram os mesmos.

A quantidade de caracteres variava muito entre um texto do destaque e outro. Exemplo disso foi o primeiro texto analisado que possuía 40 mil caracteres (era uma matéria especial sobre a Operação Condor) e já no dia seguinte esse destaque foi substituído por um artigo opinativo de 6 mil caracteres. Dessa forma, outra sinalização que obtivemos foi que Carta Maior não trabalha com prerrogativa de padronização entre os textos publicados no que se refere a tamanho.

Dentre os gêneros jornalísticos destacam-se os artigos (fig. 2.). O que de certa forma casa com o que Raul informa na entrevista realizada, e com o que o site se propõe

na sua apresentação. O que se nota é que o esforço não é de trazer informação checada e nova para o leitor, mas sim analisar e pontuar com um viés específico o que o leitor recebe de notícias de outras fontes, como a mídia convencional ou ainda de outros veículos que se dizem alternativos. Infere-se aqui que Carta Maior se apoia no grupo de intelectuais que fazem a análise das informações publicadas por outrem.

### Gêneros Jornalísticos das postagens

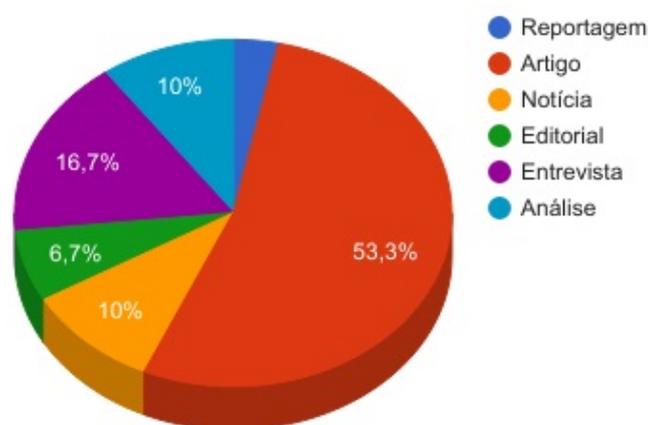


Fig 2. Gêneros Jornalísticos na Carta Maior.

As postagens conforme a editoria e a temática concentram-se fortemente na Política. Mesmo possuindo menus que informam uma atenção à Cultura, Educação ou ainda Movimentos Sociais, o foco em temáticas que trazem a cena política federal é forte. É possível entender essa concentração como uma reação ao contexto/momento e ao que foi escrutinado pela mídia convencional, muitas vezes tendenciosamente. É momento de julgamento de *impeachment* da presidenta e de delações premiadas realizadas por executivos presos pela operação Lava-Jato. O ano de 2016 foi palco de dezenas de denúncias muitas vezes tratadas de forma espetacular pela mídia convencional. O que se percebe em Carta Maior é um esforço de contraponto ponderando sobre a veracidade dessas denúncias e sobre a ética na forma de tratá-las.

### Postagens conforme editoria no site

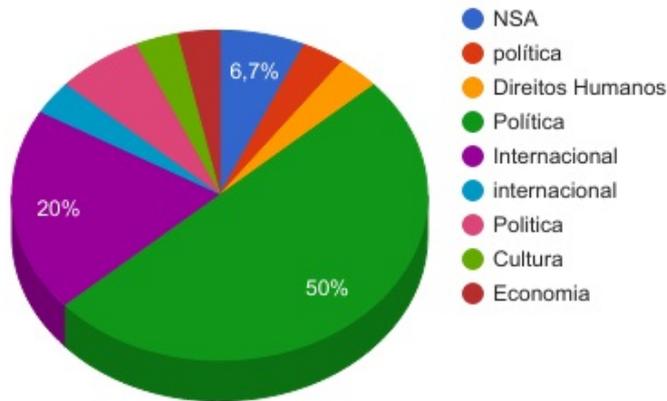


Fig 3. Postagens conforme a editoria na Carta Maior.

Em algumas situações a editoria era outra, o texto pertencia a outro menu, mas a temática abordada necessariamente referia-se à Política (fig.4).

### Postagem conforme temática

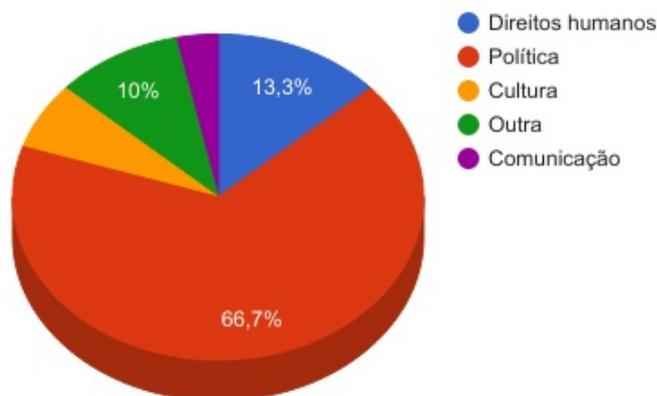


Fig. 4: Postagens conforme a temática na Carta Maior.

Ainda na seção de Informações Gerais do protocolo é possível notar que dos 30 textos postados e selecionados, 28 possuíam informações primárias, isto é, são originadas a partir de um esforço do autor do texto, e dois deles possuíam informações buscadas em outras fontes.

Mais de 53% dos textos são do gênero *Artigo*, seguidos por 16% de *Entrevistas*, 10% são *Análises* e 6,7% *Editorial*, restando 10% para *Notícias* e 3,3% para *Reportagens*, o que pode fornecer uma ideia sobre os procedimentos de produção do material da Carta Maior. O número de fontes consultadas para a produção dos textos reforça essa posição de publicar textos mais opinativos/dissertativos (artigos, editoriais), sendo que 10 textos dos 30 não possuem consulta a fonte alguma e o restante concentra busca de informação em fontes testemunhais. Um texto possui 10 fontes testemunhais, mas é único. Os outros dividem-se em possuir uma ou duas fontes, no máximo.

O *Estilo Narrativo* das postagens é, em sua maioria (76,7%), tradicional, não trazendo muitas inovações na redação. Em alguns casos a tendência é argumentativa e quase panfletária com o uso específico de determinados vocábulos que mostram a orientação ideológica do material, como “golpistas” ao se referir ao grupo de pessoas que pedia o *impeachment* da presidenta ou ainda chamando o vice-presidente de “presidente ilegítimo”, entre outras expressões que fazem parte do enunciado discursivo de um grupo que se nomeia de esquerda. O que de certa forma é coerente com o segundo nome do site, como já falamos: “O portal de Esquerda”.

No bloco que trata dos *Recursos Textuais*, o que chama a atenção é o padrão de como os textos aparecem na página. Todos possuem gravata. Mas o lead (estrutura que normalmente identifica construções mais factuais e jornalísticas), está presente em somente quatro textos, dos 30 selecionados.

Nenhum dos textos possui abertura para comentários. O que nos leva a inferir que seja possível que o texto seja feito para os pares, isto é, o veículo é para um grupo que já consome aquelas informações e faz parte de um público com ideias alinhadas ideologicamente. Ou, ao contrário, talvez seja para evitar *flooding* de comentários. Ou ainda, porque falte pessoal para fazer a moderação dos possíveis comentários.

Nos *Recursos Visuais* não há muita novidade. Mesmo tendo um canal no *Youtube* percebe-se que as duas plataformas são mantidas afastadas. Os vídeos se mantêm na plataforma do *Youtube* nos textos analisados não houve *link* para eles nem outro tipo de

vídeo. Em 28 textos foram colocadas fotos, em sua maioria creditadas como “reprodução”. Há, também, fotos com crédito nominal para os fotógrafos. Dois textos possuíam ilustrações. Durante a entrevista com Raul ele explicou que as fotos possuem os créditos como “reprodução” porque muitas vezes o *Google* não mostra a autoria. A busca de origem da foto também forneceu 80% delas como “sem origem”. O que nos faz entender que as fotos não são para agregar informação, ou produtos de um processo de fotojornalismo, mas sim, um dispositivo ilustrativo, para chamar atenção para o texto. Tanto que elas não possuem legenda.

Os recursos de áudio são inexistentes no site da Carta Maior levando em conta a coleta dos 30 dias. Nenhum *link* para áudio de produção própria ou externa foi identificado nos textos que fizeram parte da amostra.

### Entrevista com o editor-em-ação

Raul foi bem solícito em responder ao pedido para responder a algumas perguntas. A entrevista foi realizada por *Skype*, somente áudio, no dia 20 de julho de 2016 e teve um roteiro pré-construído que tinha como objetivo principal entender os processos de produção dos textos que são publicados na Carta Maior. A ideia era verificar se, a exemplo do que Alsina e Traquina propõem, o que se faz na Carta Maior seria jornalismo, antes de ser alternativo.

Entre as perguntas realizadas estavam a sobre a estrutura física da Carta Maior, periodicidade de produção de textos e como acontecia o *gatekeeping*.

Raul é formado em filosofia, trabalha em *home-office* e foi estagiário da Carta Maior desde 2014, virando editor-em-ação em 2015. O chamamos de editor-em-ação porque seu nome não está no site da Carta Maior como editor e ele se reporta ao editor/presidente da publicação. Mas quem faz a seleção dos textos e fotos, escolhe os tipos de destaque a serem colocados e o que merece mais atenção no site é ele. No final das contas é ele o *gatekeeper* mesmo se reportando periodicamente ao editor.

Raul entende que os textos que carta Maior produz e publica são mais análises do que notícias ou reportagens em si. Mas durante a entrevista foi levantado que, a partir da AC realizada, percebe-se que boa parte dos textos são opinativos e não analíticos porque se utilizam de uma construção argumentativa para provar uma premissa, aproximando-se à opinião, ao artigo opinativo. De certa forma ele concorda.

*Olha eu acho que eu disse “análise” mais no sentido do que você acha que seja opinativo. Eu poderia dizer que os textos são muito opinativos, eu concordo com você, que eles têm essa estrutura e essa forma. Porque a análise ouviria outros lados, tentaria de alguma forma ser neutra na escrita.*

Quando perguntado sobre a checagem do texto, ele informa que não checa conteúdo ou veracidade. Isso é com cada colunista, segundo ele. A checagem que ele faz é de redação e gramática.

Sobre o posicionamento ideológico, e se ele considera Carta Maior independente ou alternativo como publicação, Raul utiliza na sua resposta a dicotomia entre direita e esquerda:

*Eu diria que ela é bem diferente dos outros sites, só que ela tá englobada no mesmo barco. Sites como a Revista Fórum, o GNN, o DCM, a Carta Capital, Caros Amigos, todos esses sites alternativos, ela tá no mesmo barco. Eu considero toda mídia alternativa, a Agência Pública, Repórter Brasil. Eu acho que existe, sim, uma mídia que tenta ser hegemônica. Na internet tem os sites alternativos. Eu acho até, que no momento político que vivemos hoje e que se sobressaem são os alternativos de direita, que são o Revoltados Online, Movimento Brasil Livre, esses micro sites que a gente nem sabe quem são. A mídia de esquerda, alternativa, você sabe quem são. Você pode ligar, pode fazer uma pesquisa. Agora para você fazer uma pesquisa com o pessoal alternativo da direita, é muito difícil, você não sabe quem são os donos. Isso tem um destaque enorme.*

A organização do site é feita de maneira a buscar os leitores a partir da preferência de leitura dos mesmos.

*A home page tem um valor menos importante para mim do que outras pessoas que trabalham na Carta Maior, de como tem que ser organizada. Eu publico nos destaques ou no carrossel o que o diretor me pede ou o que chegou. Mais recente vai para cima e depois vai descendo para as outras editorias. Os acessos na home page representam 20% dos nossos acessos. O resto é pelo Google e Facebook. A curadoria da importância das matérias quem faz são os leitores. A gente acaba sabendo quais os temas são os mais lidos.*

Raul informa ainda que utiliza o *Google Analytics* para perceber quais materiais estão tendo mais acessos e que a definição do que vai no topo sempre é do editor-chefe da Carta Maior. Ele define texto e foto. As fotos utilizadas são do Foto Pública, com *Creative Commons*. Sua carga horária de trabalho é diária, em dias úteis (isso foi percebido pela AC, nas quais o texto do destaque não era alterado nos finais de semana), e funciona como um *hub* de recebimento de textos, edição e publicação. Há também

textos que são traduções de matérias publicadas por parceiros como o *Página 12* argentino ou *La Jornada* mexicano.

No momento, a Carta Maior não possui jornalistas trabalhando no site, mas há uma profissional *freelancer* que manda material regularmente, segundo Raul. Ele ainda reflete o motivo de estar trabalhando no veículo.

*Pensando do ponto de vista pessoal é um veículo interessante, porque eu entro em contato com muitas pessoas que falam sobre política, economia e eu acabo aprendendo muito também sobre as novas formas de comunicação. Desde que eu entrei lá, deixei de lado o filósofo e entrei para o campo mais prático do mundo e de como funcionam as coisas. O lado público, acho que a Carta Maior representa um veículo muito importante de informação brasileira porque infelizmente tem poucos veículos que conseguem, que tentam fazer uma análise fora do status quo, do senso comum, para mostrar alternativas políticas, econômicas, mostrar as notícias num viés diferente da velha mídia. Pelo lado público, acho bem interessante, poder contribuir um pouco com o debate brasileiro e mundial também, de um ponto de vista diferente do status quo.*

70

### **Considerações finais**

Do ponto de vista de democratização da comunicação no Brasil não há dúvidas de que Carta Maior desempenha um papel de fundamental importância oferecendo o contraponto analítico e crítico do que tem sido noticiado pela mídia convencional. É nítido que movimentos sociais, organizações não governamentais e populares sentem-se representados e têm, de certa forma, o outro lado ali exposto, principalmente por meio da rede social facebook que leva os leitores para o site.

Se formos analisar pelo uso da tecnologia disponível, Carta Maior tem tido um comportamento conservador como se a publicação estivesse desempenhando um papel de voz para quem vivenciou tempos de ditadura e que precisa estabelecer o outro lado do que é publicado pelos meios de comunicação de massa, os mesmos que ainda estão concentrados nas mãos de algumas famílias. Para esse público, textos longos que trazem argumentação crítica em relação às notícias publicadas em geral, são o suficiente. O site não possui muitos links externos nem internos e nem recursos de vídeo ou áudio. Há uma foto e o texto numa diagramação limpa.

Pela lista dos colunistas percebe-se que são intelectuais também de renome e reputação de participação nos movimentos sociais. Afinal, Carta Maior foi gestada num

dos maiores eventos que reunia milhares de movimentos e organizações sociais: o Fórum Social Mundial.

A forma de sustentabilidade é a doação dos leitores a princípio, não aceitando dinheiro de fundações ou ainda anúncios publicitários. Isso garante isenção de posicionamento, mas também muitas dificuldades para ter e gerir uma equipe profissionalizada. E, por fim, as temáticas abordadas referem-se a assuntos que até podem estar sendo as manchetes dos veículos convencionais, mas que são tratados com uma abordagem “de esquerda”, ou é possível dizer, alternativa.

A partir dessa análise de conteúdo, documental e por meio da entrevista com o editor-em-ação é possível dizer que Carta Maior é uma publicação alternativa. As percepções aqui relatadas apontam para essa direção.

Mas talvez não seja possível apontar que Carta Maior faça jornalismo. O excesso de artigos opinativos (que analisam por somente um viés os fatos ou notícias), muitas vezes com o uso de jargões dos movimentos sociais, a ausência da busca de fontes diversificadas para sustentar a informação, a falta de profissionais do jornalismo envolvidos nos processos de produção de material ou ainda a inexistência de um procedimento de produção de notícia que contenha a construção de uma pauta, a coleta das informações, a checagem, a redação almejando uma abordagem equilibrada dos dados e a posterior edição dão a entender que o que a Carta Maior faz não é jornalismo. Ainda assim, o papel desempenhado de crítica a um *status quo* e o contraponto à avalanche de material enviesado ofertado pelos veículos convencionais mostra-se de importância para fortalecer os pares ideológicos.

71

## Referências

ALSINA, Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis, Vozes, 2009.

ATTON, Chris. **Alternative Media**. London, Sage, 2006.

CARVALHO, Guilherme, et. all. **Jornalismo alternativo? um retrato das iniciativas digitais brasileiras**. In: Anais do I Congresso Internacional UNINTER de Conhecimento, Inovação e Sustentabilidade. Curitiba: Uninter, 2015. v. 1. p. 659-664.

CARTA Maior. Disponível em: [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 artes de fazer. 20 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

DOWNING, J. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

GRINBERG, Maximo. Comunicação alternativa: dimensões, limites, possibilidades. In: GRINBERG, Máximo (org.). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo alternativo: o utopismo iconoclasta**. In. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo USP (Universidade de São Paulo), 2009Annais. Disponível em: [http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/dennis\\_de\\_oliveira.pdf](http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/dennis_de_oliveira.pdf).

PERUZZO, Cicilia K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. In. **Revista Palavra Clave**, Vol 11, Nº 2 (2008), Universidad de La Sabana. Cundinamarca. Colombia. 2008. Disponível em: <http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>

RODRIGUEZ, Clemência. From alternative media to a citizen media. In. GUMUCIO-DRAGON, Alfonso; TUFTE, Thomas. **Communication for Social Change. Anthology: historical and contemporary readings**. New Jersey. Communication for Social Change Consortium, Inc. : 2006.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo?** Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1980.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis, Insular 2 ed. 2008.